

Coletiva na Eva Klabin reúne obras de cinco artistas

PÁGINA 3



Voz autoral de Catherine Corsini no streaming

PÁGINA 4



Letrux lança clipe de faixa de seu 'Mulher Girafa'

PÁGINA 7



2º CADERNO



Fotos Hiromi Nagakura

Imagens da exposição 'Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak', em cartaz no CCBB RJ

Registros das viagens do premiado fotógrafo japonês Hiromi Nagakura com o líder indígena Ailton Krenak tornam-se exposição que estreia nesta quarta no CCBB RJ

O samurai das câmeras encontra os povos da floresta

O Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (CCBB RJ) inaugura nesta quarta-feira (28) a exposição "Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak", mostra idealizada pelo Instituto Tomie Ohtake, de São Paulo. Com curadoria de Ailton Krenak e curadoria adjunta de Angela Pappiani, Eliza Otsuka e Priscyla Gomes, a exposição apresenta 160 fotografias inéditas no Brasil do premiado fotógrafo japonês Hiromi Nagakura, realizadas em viagens com Krenak, principalmente pelo território amazônico, entre 1993 e 1998. A mostra, com entrada gratuita, chega ao Rio com uma nova seleção de imagens, além de objetos dos povos visitados, que não estiveram presentes na edição paulistana da exposição.

Além disso, lideranças indígenas de diversas etnias participarão de conversas realizadas em torno da exposição, junto com o fotógrafo e o curador. No dia da abertura da exposição, às 17h, haverá a roda de conversa "Hiromi Nagakura e Ailton Krenak encontram os povos da floresta",

com a presença da dupla e também das lideranças indígenas Moisés Pyianko Ashaninka e Leopardo Huni Kuin, com a participação de Marize Guarani, presidente da Associação Indígena Aldeia Maracanã.

Nesta quinta-feira (29), também às 17h, haverá mais uma roda de conversa, "Hiromi Nagakura e Ailton Krenak encontram os povos do cerrado", com as lideranças indígenas Marineuza Pryj Krikati, Maria Salet Krikati e Caimi Waiassé Xavante, com a participação de Carlos Tukano, presidente do Conselho Estadual de Direitos Indígenas do Rio de Janeiro. Na sexta-feira (1), às 17h, Ailton Krenak e as cinco lideranças indígenas da Amazônia convidadas farão palestra no CCBB.

"Nagakura-san é um samurai. Sua espada é uma câmera que ele maneja com a segurança de quem já passou por campos de refugiados e esteve no centro das praças de guerra, por lugares como África do Sul, Palestina, El Salvador e Afeganistão. Depois desse mergulho no inferno global, quando sentiu de perto a loucura dos seres humanos, o samurai da câmera descobriu a floresta amazônica e seus povos nativos", escreveu Ailton Krenak no texto que acompanha a exposição.

As viagens de Nagakura e Krenak abarcaram quase cinco anos, de 1993 a 1998, dezenas de horas, sempre na companhia da produtora e intérprete Eliza Otsuka.

Segundo Krenak, a mostra traz algumas das belas imagens das viagens às aldeias e comunidades na Amazônia brasileira. "Momentos de intimidade e contentamento entre 'amigos para sempre' inspiraram esta mostra fotográfica mediada por encontros com algumas das pessoas queridas que nos receberam em suas cozinhas e canoas, suas praias de rios e nas aldeias: Ashaninka, Xavante, Krikati, Gavião, Yawanawá, Huni Kuin e comunidades ribeirinhas no Rio Juruá e região do lavrado em Roraima", destaca o curador. As viagens alcançaram os estados do Acre, Roraima, Mato Grosso, Maranhão, São Paulo e Amazonas.



Fotos Hiromi Nagakura



‘Ele vai ser sua sombra por onde você for’



A aproximação entre Krenak e Nagakura começou numa conversa, sentados em esteiras, na sede da Aliança dos Povos da Floresta, no bairro do Butantã, em São Paulo, onde se conheceram, quando Eliza Otsuka apresentou o plano de viagens de Nagakura. “Ela [Eliza] resumiu com estas palavras o conceito todo do projeto para alguns anos dali para frente: ele vai ser a sua sombra por onde você for, quando estiver dormindo e quando estiver acordado”, recorda-se Krenak. Esta história toda está reunida em um dos livros escrito em nihongo, publicado pela editora Tokuma (Tóquio, 1998), intitulado “Assim como os rios, assim como os pássaros: uma viagem com o filósofo da floresta, Ailton Krenak”, assumido por Krenak como a sua biografia feita por Hiromi Nagakura.

A exposição ocupará todas as



oito salas do primeiro andar do CCBB RJ e a rotunda, onde haverá uma instalação aérea inédita, em



formato circular, pensada especialmente para o espaço, com imagens da exposição plotadas em tecido.

As salas seguirão a ordem cronológica das visitas da dupla à Amazônia, como se o público estivesse viajando junto com eles. Na primeira sala estarão fotografias dos povos Krikati e Gavião, localizadas em regiões impactadas por invasões, desmatamento e hidrelétricas

na Amazônia.

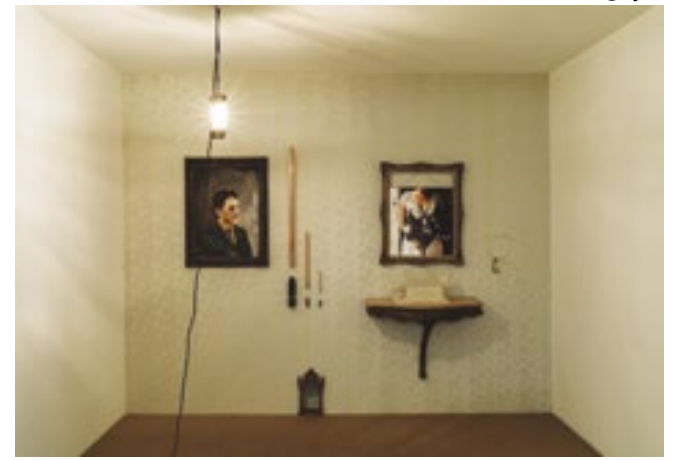
Na sala seguinte, estarão fotografias dos povos Ashaninka, Yawanawá, Xavante e Kaxinawá. Nos cofres, estarão salas imersivas com sons da floresta e cantos indígenas, levando o público a uma verdadeira viagem por estes territórios e etnias. Além disso, haverá um vídeo com registros de viagens de Nagakura por todos os continentes. Haverá, ainda, uma grande sala inteiramente dedicada aos Yanomami.

Seguindo o percurso da exposição, chega-se à sala “Imagem e Cultura”, com fotografias totalmente inéditas e objetos dos povos visitados, que não estiveram na exposição em São Paulo. Este será um espaço multiétnico, com imagens que conversam entre si, agrupadas por temas, situações, cores ou paisagens, sem divisão por etnia, acolhendo todos os povos em um só lugar.

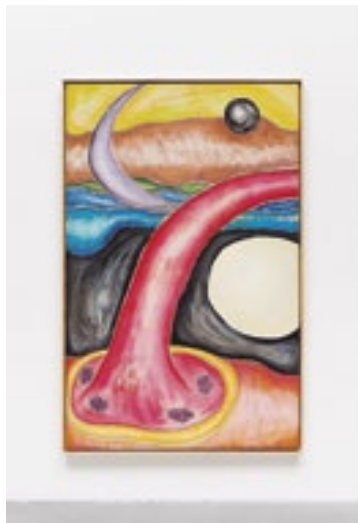
Na última sala estarão os núcleos “O Reencontro” – onde será exibido um vídeo com conversas de Ailton Krenak e Hiromi Nagakura com lideranças indígenas de todas as etnias visitadas na década de 1990, além de outro com a íntegra da conversa entre o fotógrafo e o curador registrada para o projeto “Conversa na Rede”, gravada na Casa Ateliê de Tomie Ohtake, em São Paulo – e “A Viagem”, com registros de bastidores, retratando Krenak e Nagakura durante a viagem, a cumplicidade deles e junto aos amigos das aldeias. Também neste espaço estará a obra “Território imemorial ou Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak” (2023), do artista Gustavo Caboco, feita especialmente para a mostra, que apresenta um mapa com os territórios visitados por Nagakura e Krenak.



ECOS da arte de hoje



Coletiva na Casa Museu Eva Klabin reúne obras de André Griffo, Diambe, Leila Danziger, Gilson Plano e Vivian Caccuri



As obras dos artistas da exposição 'Contratempo' representam tendências da contemporaneidade da linguagem artística

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

Há, hoje, vozes diferenciadas em tudo que se fala. Existe um mundo além do Instagram, do Tik Tok, também na chamada esfera social, mas longe das redes, no contato visual direto, da emoção à flor da pele, da troca individual, mas de igual importância. Algo que podemos perceber que museus, galerias e centros colocam ao nosso dispor.

As exposições que, de forma generalizada, chamamos de arte nos relacionam a culturas, ideias, territórios que nos proporcionam prazer e inspiração. São nessas oportunidades que podemos pensar livremente, trocar ideias e levantar questões e questões. Nesse contexto, o sociólogo Pierre Bourdieu, demonstra como podemos referir-nos não só ao capital

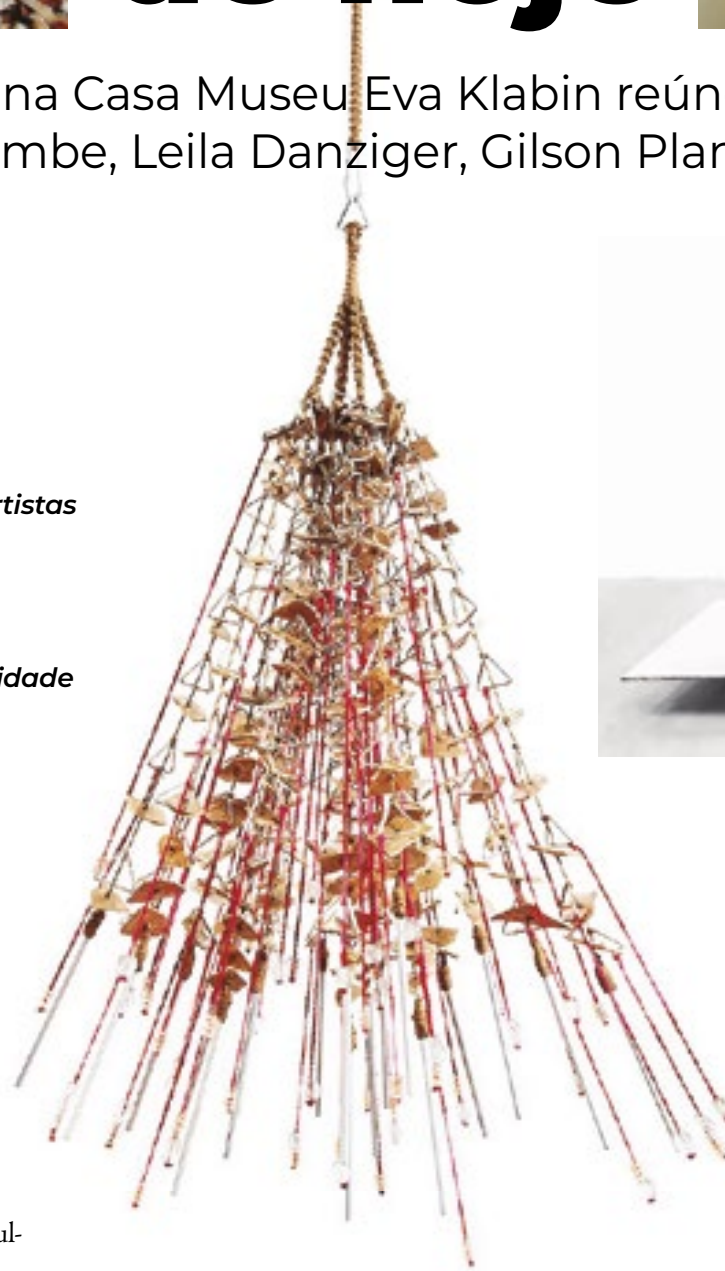
econômico, mas também ao capital social e cultural.

Nessa perspectiva, a Casa Museu Eva Klabin, na Lagoa, inaugura a exposição “Contratempo” que tem como proposta a imersão no tempo sob a ótica de cinco artistas contemporâneos, indo além da simples contemplação artística.

Em uma série de conversas mediadas pelo curador do projeto, Lucas Albuquerque, especialistas de áreas correlatas às artes, como

física, geologia, história e filosofia, serão convidados a compartilhar suas percepções sobre o tempo junto aos artistas participantes.

Os cinco artistas representam as tendências da contemporaneidade: figurativo, abstrato, instalações, obras que misturam técnicas. No segundo andar da Casa Museu estão obras significativas da produção recente dos artistas partici-



pantes e que estarão presentes nas discussões: André Griffo, Diambe, Leila Danziger, Gilson Plano e Vivian Caccuri.

O curador Lucas Albuquerque destaca a importância de repensar as narrativas do tempo em um mundo complexo e em constante transformação. “Frente a esse desafio, o programa Contratempo realiza uma fissura no percurso histórico conservado pela casa, convidando artistas e pensadores para abrir, ou mesmo inventar,

outros tempos que formam o contemporâneo. Se hoje entendemos que a perspectiva de um tempo único e linear é uma ficção, projetos como esse repensam o lugar dos museus que conservam e escrevem tais narrativas”, explica.

O resultado desse conjunto de diálogos será registrado em uma publicação colaborativa, a ser lançada ao término do projeto, compilando a transcrição das conversas, textos dos convidados e contribuições do público. O objetivo é aprofundar o entendimento dos quase 50 séculos de história que compõem o acervo da Casa Museu Eva Klabin.

SERVIÇO

CONTRATEMPO
Casa Eva Klabin (Av. Epitácio Pessoa, 2480 - Lagoa)
Até 31/3, de quarta a domingo (14h às 18h)
Entrada franca

CORREIO CULTURAL

Carlos Muller/Divulgação



O Natiruts acredita ter cumprido um ciclo

Natiruts anuncia fim e turnê de despedida com 20 shows

A banda Natiruts anunciou o fim do grupo após 28 anos de carreira. Os artistas vão fazer uma turnê, “Leve Com Você”, para se despedir do público. A turnê terá 20 shows e um setlist com músicas de diferentes fases da banda. A tour começa em Brasília, no dia 8 de junho, e termina em Belém, no dia 7 de dezembro.

“Estamos na fase mais plena e madura da banda e conseguimos concluir o que nos propusemos lá atrás”, diz Luís Mauricio, co-fundador do Natiruts. “Saber encerrar algo em um momento em que você está bem é importante. A trajetória que percorremos até aqui é o que nos possibilita isso”, afirma Alexandre Carlo.

Por demanda

Fátima Bernardes não é mais funcionária fixa da emissora. Seu contrato venceu no fim do ano passado e não foi renovado. Agora, ela passa a trabalhar por obra certa, ou seja, é contratada somente durante a duração de um certo programa.

Novela turca

Sucesso no streaming da HBO Max, a novela turca “Um Milagre” vai estreiar no mês de março e marcará a volta das produções da Turquia à TV aberta. O folhetim vai ocupar o horário nobre da TV Brasil, a partir do dia 4, às 20h30.

Julgamento

Alec Baldwin será julgado em julho pelo tiro que disparou no set do filme “Rust” e matou a diretora de fotografia Halyna Hutchins em 2021. O ator será julgado pela acusação de homicídio culposo no estado americano do Novo México.

Ken canta

Ryan Gosling, que estrelou o filme “Barbie”, irá se apresentar na cerimônia do Oscar. Ele cantará “I’m Just Ken”, música do longa de Greta Gerwig e indicada a melhor canção original na premiação, que acontecerá no dia 10 de março.



‘Na França, para as cineastas, existe, sim, um momento de solidificação de novas diretoras, mas é no grito. Temos muita luta ainda’, afirma Catherine Corsini, diretora de ‘De Volta à Córsega’

A Córsega de La Corsini

Respeitada diretora francesa, militante da luta contra homofobia, traz ao evento carioca um estudo sobre conexões femininas, coroado com uma indicação à Palma de Ouro

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Revelado ao mundo em Cannes e consagrado no olhar do Brasil no Festival do Rio 2023, o drama “De Volta à Córsega” (“Le Retour”) se firma como um dos achados da nova leva de títulos autorais na streaminguesfera nacional, a partir da plataforma Reserva Imovision. O filme é um rico panorama das inquietações artísticas da realizadora francesa Catherine Corsini. Ela deu o ar de seu carisma e de seu talento na cidade em outubro. Essa produção é um trabalho magistral dela na observação dos códigos de solidariedade entre mulheres e o entendimento de uma geografia pouco explorada

Divulgação



pela indústria audiovisual europeia.

“A Córsega é um local onde as pessoas parecem esconder algo. Lembro de ter visto um filme de um conterrâneo francês, chamado ‘Le Silence’ (dirigido por Orso Miret), que se passava lá e era um atestado do mistério que existe naquela

paisagem”, disse Corsini ao Correio da Manhã pouco antes de partir para uma ronda pelo bairro da Glória, onde ficava a sede do Festival do Rio. “Já passei pelo Brasil antes e fico sempre me questionando como as questões ligadas a uma transformação do papel das mulheres, como a legalização do aborto e a equidade, tem sido processada aqui, por conta do histórico machista. Na França, para as cineastas, existe, sim, um momento de solidificação de novas diretoras, mas é no grito. Temos muita luta ainda”.

Aos 67 anos de vida e 42 de carreira, a realizadora lançou “De Volta à Córsega” na disputa pela Palma de Ouro de Cannes, depois de ter brigado por prêmios no badalado balneário com “A Repetição” (2001) e “A Fratura” (2021). Este último - também na grade online do Reserva - deu a ela a **Queer Palm**, espécie de **lauréa LGBTQIA+**. Seu filme mais recente, perfumado com o aroma do melodrama, narra o regresso de Khédidja (Aïssatou Diallo Sagna), com suas duas filhas, à terra de onde, um dia, teve de fugir. Regressar é uma experiência dolorosa.

“A maneira de reagir àquela paisagem era busca uma luz que fugisse do cartão-postal”, diz Corsini. “Estamos falando de uma personagem forte, num filme onde tudo é íntimo”.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

As vésperas de chegar às telas, a Parte II da versão do canadense Denis Villeneuve para o romance de tom sci-fi “Duna”, de Frank Herbert (1920-1986), abriu o interesse dos streamings em resgatar o que há de adaptações do escritor para o audiovisual. Esse balaio inclui uma versão tempestuosa de seu livro mais famoso feita por David Lynch.

Kyle MacLachlan, o ator fetiche do cineasta nos anos 1980, foi escalado para viver o messiânico aristocrata das estrelas Paul Atreides em um longa-metragem que marcou época por sua desastrosa carreira e por um visual considerado cafona para a era em que os efeitos visuais se tornaram essenciais.

O realizador de “Veludo Azul” (1986), hoje envolvido com o projeto de série “Unrecorded Night”, chegou a refutar a autorização para deixar sua assinatura em um formato estendido, proposto e exibido pela TV americano, do que filmou a partir da literatura de Herbert. Esse formato ampliado, com cerca de 50 minutos a mais do que o corte original, com duas horas e 17 minutos, chegou a ser editado em DVD, sendo disputado pelos cinéfilos de DNA lynchiano.

Mas, confusões à parte, a produção tão... exótica... filmada por ele em meados da década de 1980 está de novo no meio de nós, podendo ser comprado via YouTube. E o tempo lhe fez bem, pois é difícil não se divertir com sua bizarrice e com a presença do cantor Sting no elenco. Infelizmente, a versão disponível nas plataformas digitais não preservou a dublagem original, com Garcia Júnior emprestando o vozeirão a MacLachlan.

Ainda sob o impacto da trilogia original de “Star Wars”, lançada por George Lucas de 1977 a 83, o produtor italiano Dino De Laurentiis (1919-2010) farejou



O jovem David Lynch entre Sting e Kyle MacLachlan nos sets de ‘Duna’

O ‘Star Wars’ lisérgico de David Lynch

Estreia da Parte 2 da nova versão de ‘Duna’ gera corrida pelo cult maldito do diretor de ‘Veludo Azul’

nos parágrafos de Herbert uma mina de ouro. Antes de Lynch ser convocado para pilotar essa narrativa, vários nomes famosos foram cotados para pilotar o épico futurista messiânico sobre um jovem aristocrata, Paul Atreides (MacLachlan, em sóbria atuação), filho do Duque Leto (Jürgen Prochnow), cuja missão é guiar seu povo na busca pela Especiaria (chamado “tempero” em algumas traduções). Trata-se de uma substância capaz de garantir a sobrevivência de sua

raça. Saído do sucesso de “Alien – O Oitavo Passageiro” (1979), Ridley Scott foi um dos talentos cotados para rodar o longa. Só não assumiu o compromisso por problemas pessoais que o afastaram dos sets por um período que coincidia com a rodagem prevista por De Laurentiis. Antes dele, Jack Nicholson, que se meteu a cineasta em “Com a Corda No Pescoço” (1978), chegou a ser cogitado para pilotar essa ficção científica de tintas lisérgicas. Mas os ventos do

bom senso varreram as pretensões mais surrealistas de Nicholson para longe, uma vez que Dino não via no ator a retidão ideal pra assumir um longa daquele porte. Houve ainda um projeto de “Duna” concebido pelo cineasta, quadrinista, escritor e xamã chileno Alejandro Jodowski, trazendo Orson Welles, David Carradine e – acredite ou não – Salvador Dalí para o elenco. Mas Herbert se incomodou com as... “liberdades criativas” do diretor de “El Topo” (1970),

que é também quadrinista. Sem o carimbo de aprovação do escritor, Jodorowsky saiu da empreitada. Apesar disso, a concepção espacial que Jodorowsky esboçou com o apoio da quadrinista Jean “Moebius” Giraud foi mais tarde aproveitada na forma de uma HQ seminal: “O Incal”.

Na busca de um diretor com a cabeça fresca de ideias para rodar “Duna”, Dino De Laurentiis resolveu convocar o responsável pelo aclamado “O Homem Elefante” (1980), que havia sido indicado ao Oscar e estava em seu apogeu. Com um orçamento que inflacionou até beirar US\$ 45 milhões, investidos em uma filmagem tortuosa, que durou de 29 de abril de 1983 a 8 de fevereiro de 1984, “Duna” foi um fracasso comercial doloroso para Dino De Laurentiis e seus associados. Nas bilheteria, o longa, cujas locações forma buscadas na Califórnia e no México, teve uma arrecadação de cerca de US\$ 27, 4 milhões. Apesar dessa decepção financeira, um clássico trôpego nasceu ali, com a assinatura autoral de Lynch, em seu olhar para o sonho.

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Ligações e mensagens de whatsapp contínuas mobilizam o celular do alemão Matthias Glasner desde o dia 18, quando seu mais recente longa-metragem, “Dying” (“Sterben” em sua língua natal), foi exibido na disputa pelo Urso de Ouro de 2024. A procura por ele – até de colegas cineastas com quem nunca tivera contato antes – aumentou no último sábado, quando ele foi agraciado com o Urso de Prata de Melhor Roteiro no Festival de Berlim, depois de conquistar a láurea anual do Sindicato de Exibidores de Filmes de Arte da Alemanha e o Prêmio de Júri Popular dos leitores do jornal “Berliner Morgenpost”.

Aos 59, o diretor egresso de Hamburgo passou a ser encarado como “A” promessa de uma indústria consagrada, sobretudo nos anos 1970, pelas vozes autorais de Wim Wenders, Volker Schlöndorff, Rainer Werner Fassbinder e Margarethe von Trotta. Recentemente, Maren Ade e Christian Petzold se juntaram a esses medalhões germânicos, que, via Áustria, tiveram Michael Haneke (de “A Fita Branca”) como seu expoente. Mas Glasner é reticente com a badalação.

“Não tenho amigos cineastas e não sou muito ligado ao que os alemães fazem no cinema. Não é desrespeito. Primeiro de tudo: eu tenho filhos. Meu tempo é deles. Depois, ando bem mais instigado por experiências filmicas de outros territórios, como é o caso do cinema japonês. Um outro exemplo é ‘Parasita’, um filme da Coreia do Sul com muitas camadas. Mas tenho visto minhas conterrâneas fazerem longas de muito rigor estético. A mirada feminina hoje nas telas da Alemanha é muito forte”, disse Glasner ao Correio da Manhã, logo após a projeção das três horas e três minutos de sua comédia dramática.

“Sterben” é o nome de uma sinfonia que o maestro Tom Lunies (Lars Eidinger, em devastadora atuação) está ensaiando a partir de



‘Sterben’, de Mathias Glasner, mostrou sua força ao ser laureado com o Urso de Prata de Melhor Roteiro no Festival de Berlim

‘Ninguém mais parece ter coragem de fazer filmes sobre adultos’

Premiado em múltiplas frentes na Berlinale com ‘Sterben’, o alemão Matthias Glasner impõe seu talento no pódio das vozes autorais do cinema europeu contemporâneo



Jens Koch/Divulgação Berlinale

uma composição feita por seu melhor amigo, o deprimido Bernard (Robert Gwisdek). Sua vida anda maluca, não apenas com seus amores (entre eles a namorada cheia de desejo, e bem mais jovem), mas também com a ex-mulher, que acaba de ter o filho. Todos acreditam que o regente não é o pai da criança, mas ele a registra apesar de tudo. O chamado da paternidade acontece num momento de loucura em sua família. Sua mãe, a septuagenária Lissy (Corinna Harfouch), parece ficar feliz quando vê seu marido, Gerd (Hans-Uwe Bauer), definir no hospital, num processo de demência. Mas a sensação de

liberdade que ela tem ao “se livrar” dele termina quando ela passa a ser acometida, subitamente, por uma série de problemas: diabetes, insuficiência renal, perda de visão. Um diagnóstico de câncer vem coroar seus infortúnios. Nesse momento de calvário de Lissy, sua filha, Ellen (Lilith Stangenberg), engata um caso com um dentista casado com quem partilha a paixão pelo álcool e pela embriaguez. Nessa ciranda nefasta, essas pessoas terão de reaprender a se amar.

“Eu fiz um filme sobre a solidão, com base na rotina de pessoas que se sentem desconfortáveis com várias questões pessoais. Eu mesmo

sinto desconforto com o processo do cinema, menos com o set em si. Meu empenho aqui era quebrar com as ditas convenções do cinema alemão, de narrativas frias e afetivamente distanciadas, e fazer um filme empático, acolhedor, capaz de mostrar que a antessala de espera pela morte pode ter situações divertidas”, disse o cineasta, que fala com bom humor dos critérios da escalção de Eidinger. “Eu não o conhecia antes, mas gostei do modo com que ele se expressa em entrevistas, do que fala. Fora isso, quando a gente se conheceu, percebi que ele não é daquelas pessoas que cultuam um otimismo tolo. Não se levanta comemorando a vida. Assim como eu, ele fala: ‘Oh! Mais um dia pela frente’. Filmamos coisas muito malucas, a partir dessa conexão. Algumas, mais barra pesada, não entraram na versão exibida na Berlinale, mas vão para a versão para a TV, em forma de minissérie, com uma hora a mais, que eu estou preparando”.

Conhecido por filmes como “O Desejo Liberado” (2006) e por séries como “Das Boot”, Glasner começou sua carreira em 1987, em busca de tramas que escapem do moralismo.

“Hoje ninguém mais parece ter coragem de fazer filmes sobre adultos, para adultos”, disse o cineasta. “Eu liguei duas câmeras, deixei minhas atrizes e meus atores de ‘Sterben’ criarem com liberdade e, às vezes, a verdade aparecia num take único. Tive ainda a alegria de poder deixar cinco minutos de música clássica, sem cortes, na tela”.

Uma angústia contemporânea

‘Louva-Deusa’, canção do álbum mais recente de Letrux, vira clipe com Alice Carvalho

A faixa “Louva Deusa”, do álbum “Letrux Como Mulher Girafa” (2023), ganhou filme escrito e dirigido pelo cineasta Pedro Henrique França, junto da própria Letrux. A história traz uma mulher aberta às possibilidades de afeto, mas que não consegue permanecer. Em lançamento no canal da artista no YouTube, o clipe tem Alice Carvalho como protagonista, além das participações de Andréia Horta, Kika Sena, Pedro Caetano e da própria Letrux.

“Essa é uma canção que fala sobre a dificuldade em comunicar para alguém que você não sente o mesmo que aquela pessoa sente por você”, conta Letrux. “O louva-deus é um animal cuja fêmea devora o macho após o ato sexual. Brinquei com essa sensação da paixão

não correspondida, mas o ato sexual sim. Mas, após o ato, o fim. A morte. Virar comida”, diz.

‘Foi um junteiro’

Alice Carvalho, fenômeno da série “Cangaço Novo” - e no ar na novela “Renascer” (Globo) - é a estrela do videoclipe, onde demonstra por que é uma das maiores revelações da dramaturgia nacional recente. Identificada com as questões do roteiro, ela se entregou nas gravações: “Gravar esse clipe foi maravilhoso, porque foi um ‘junteiro’ de pessoas que já queriam se encontrar. Fazia tempo que eu queria trabalhar com o Pedro Henrique França, fazia tempo que queria me bater com Letícia, com Andréia Horta, Kika Sena e Pedro Caetano, que são pessoas da mais alta consideração. Espero que o resultado dessa



Fernando Schalaepfer/Divulgação

Letrux (de óculos) reuniu Alice Carvalho (esq) e Andréia Horta no clipe

nossa piração seja bem recebida”, torce.

No clipe, a protagonista dessa trama retrata uma angústia atual, contemporânea e que é tema de muitas sessões de análise: a busca por um afeto que acaba por se desencontrar. “Sempre acho curioso o ambiente do consultório de psicanálise, o que vivemos ali

no divã e como aquilo nos transforma. Tive esse estalo de querer fazer um clipe num divã. A música é solar e gostosa, mas quando canto ‘corta logo, corta fora’, também penso em Lacan de alguma maneira. Rimos, choramos, trocamos e está tudo vivo no vídeo”, diz Letrux, que interpreta a psicanalista.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

A pedida é mais humor

A caminho de completar 40 anos de estrada, as Velhas Virgens se orgulham de terem se notabilizado, além do rock desbocado, pelo bom humor. E neste início 2024 a banda resolveu lançar uma série de releituras de seus sucessos de underground com a participação de convidados não necessariamente ligados à música, mas compactuantes da gargalhada como forma de tocar a vida. Nesse primeiro feat a banda convidou Eros Prado (ex- Pânico e Praça é Nossa) para regravar a balada “Esse seu Buraquinho”, do disco “Cubanajarra” (2006).

André VV/Divulgação



Alex Santana/Divulgação



Pérola de Tom

“Two Kites”, novo single de Silvia Machete, antecede o lançamento do álbum que dará sequência ao projeto que apresentou Rhonda, a nova persona artística da cantora e compositora. O novo projeto leva o título de “Invisible Woman” e reunirá canções inéditas e autorais de Machete, compostas originalmente em inglês: a única exceção é “Two Kites”, clássico de Antônio Carlos Jobim. A nova versão foi gravada em dueto com Maria Luiza Jobim, filha de Tom. “Pesquisando músicas em inglês de compositores brasileiros, encontrei ‘Two Kites’. Fiquei louca com essa letra”, revela Silvia.

Filipe Menegoy/Divulgação



Tíe na teia do Aranha

O cantor e compositor Tíe lançou uma nova versão de “Homem Aranha”, sucesso de Jorge Vercillo gravado em 2002. Após 22 anos, a música recebe de Tíe uma roupagem diferente em ritmo de samba-canção e com produção de Vitor Campanário. Desde que cantou pela primeira vez, ao vivo, numa rádio carioca, em 2018, os fãs se apaixonaram e “Homem Aranha” passou a ser uma das músicas mais pedidas nos shows do sambista. A composição entrou no setlist do audiovisual “As Que Tocam Lá Em Casa”, projeto do artista lançado em 2021.

UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR .

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha